

Entrevista a Luís Paulo Rodrigues, primeiro diretor do Jornal OPINIÃO PÚBLICA

“Éramos muito jovens e queríamos agitar as águas”

O Jornal OPINIÃO PÚBLICA surgiu em 1991, sendo o seu primeiro diretor Luís Paulo Rodrigues, que continua a ser um apaixonado pela comunicação, desenvolvendo, atualmente, soluções de comunicação para empresas, pessoas e instituições, em Portugal e no Brasil. Em entrevista ao OP, Luís Paulo Rodrigues revela como foram os primeiros dias deste jornal que nasceu com o objetivo de ser “melhor que os outros”, com informação rigorosa e de qualidade.

Sofia Abreu Silva

OPINIÃO PÚBLICA: Como nasceu o OPINIÃO ?

LUÍS PAULO RODRIGUES: Em 1989, o Governo legalizou as rádios locais, aprovando duas frequências em Vila Nova de Famalicão: uma para o Círculo de Cultura Famalicense, associação identificada com o PSD, que tinha fundado o jornal “Cidade Hoje”, e outra, identificada com o PS, então no poder municipal, que controlava o jornal “Vila Nova”. A ligação a um jornal era um imperativo legal para aprovar uma estação de rádio. Entretanto, uma clivagem entre os membros do “Vila Nova” obrigou o jornal a sair das excelentes instalações que tinham sido construídas em Antas, para acolher uma rádio e um jornal. O OPINIÃO PÚBLICA surgiu nesse contexto de necessidade de um jornal que mantivesse o alvará da “Rádio Vila Nova”.

E como é que surgiu o convite para ser o diretor?

O convite para diretor foi uma surpresa. Eu trabalhava no jornal “O Comércio do Porto”, onde conheci bons profissionais e amigos que conservo até hoje. Estava a gostar imenso de fazer jornalismo lá e, em meados de 1991, recebi dois convites distintos: um do senhor Feliz Pereira para dirigir o OP e outro para trabalhar na redação do Porto do trisemanário desportivo “Gazeta dos Desportos”. Acabei por aceitar



O problema é que os políticos e os representantes de organizações públicas acham que estão acima do escrutínio, acham que os jornalistas não podem fazer certas perguntas.

os dois convites. Era bom no final do mês, mas trabalhava muito. De qualquer modo, foi importante para o meu crescimento profissional. Aceitei o convite para dirigir o OP, porque o Feliz Pereira convenceu-me com a ideia de um jornal livre de amarras partidárias, que, a partir de

Famalicão, olhasse para o Vale do Ave, então politicamente sustentado na Associação de Municípios do Vale do Ave, uma organização que tinha algum peso político e que era pioneira a nível nacional em projetos intermunicipais. O projeto de um jornal que ocupasse esse es-

paço tinha muito interesse e fazia todo o sentido. E como havia uma equipa de excelentes profissionais foi fácil aceitar o desafio.

Era diretor e jornalista do OP. Já gostava de ser jornalista? De escrever?

No OP fiz de tudo: diretor, editor, jornalista, paginador e, às vezes, fotógrafo. Comecei a fazer jornalismo muito cedo, aos 19 anos. Ainda estava no ensino secundário e já escrevia no “Jornal de Famalicão”. Depois veio o prazer da rádio, na “Rádio Famalicão”, para onde fui a convite do seu diretor, António Santos Oliveira. Estive na fundação do “Cidade Hoje”, em 1986. Inicialmente trabalhei por carolice, pois estava a cumprir o serviço militar. Em janeiro de 1988, com 22 anos, recebi o primeiro ordenado no jornalismo: 63.500 escudos líquidos, o que não era nada mau. Era quase o triplo do salário mínimo.

Qual era a linha editorial que o OP queria seguir?

Todos nós éramos muito jovens e queríamos agitar as águas. Eu procurava traduzir essa irreverência nas primeiras páginas. Eu tinha 25 anos, o Alexandrino Cosme, que era o meu adjunto, também. E na redação ainda havia gente mais nova, que estava a fazer jornalismo pela primeira vez. Também queríamos romper com o jornalismo do “Famalicão sentado”, em que só havia notícias se houvesse almoço para os jornalistas. A sociedade portuguesa estava em mudança, e a sociedade famalicense não fugia à regra. A nossa ideia era traduzir essa mudança fazendo um jornal de qualidade, que estivesse acima dos conflitos entre as partes, um jornal melhor que os outros, com informação rigorosa, com boas entrevistas, que além de destacar Famalicão cuidasse da informação dos concelhos à volta, em especial Santo Tirso, Guimarães, Fafe e Braga. O nosso entusiasmo levou-nos mais longe, à Póvoa de Varzim,

a Vila do Conde, a Esposende, a Barcelos... O OP esteve à beira de ser um grande jornal regional. Até tivemos correspondentes em Braga, na Póvoa de Varzim, em Guimarães e em Fafe. Só faltou o necessário investimento num departamento comercial que tivesse a capacidade de trabalho que havia na redação. E faltou, também, uma visão regional dos organismos públicos e dos anunciantes. Na verdade, por muito que se fale em regionalização, em Portugal, vigora uma visão municipalista em todos os setores de atividade, incluindo o jornalismo.

Como foi a receptividade dos leitores e dos anunciantes?

A receptividade foi a melhor. O OPINIÃO PÚBLICA foi o primeiro jornal com páginas a cores. Só isso chamou a atenção de imediato. E sentimos que a sociedade reconhecia no OP um jornal que não estava enfeudado a partidos ou a câmaras municipais. Nos três anos em que fui diretor, tenho de reconhecer, também, que nunca o senhor Feliz Pereira, enquanto presidente da Editave, a empresa proprietária do jornal, me abordou para alterar uma notícia ou para não fazer notícia sobre este ou aquele assunto.

Os jornalistas eram vistos como uns revolucionários? Como alguém do contrapoder? O sentido crítico era muito apurado?

Os jornalistas procuravam cumprir o seu papel. Um bom jornalista não deve necessariamente ser contrapoder. Deve fazer as perguntas que têm de ser feitas e dar destaque ao que tem de ser destacado, tendo por objetivo a produção de uma informação verdadeira, rigorosa e que seja de interesse público, do interesse de todos os cidadãos. O problema é que os políticos e os representantes de organizações públicas acham que estão acima do escrutínio, acham que os jornalistas não podem fazer certas perguntas.

continua >>>>>



CENTRO DE INGLÊS DE FAMALICÃO O SEU MELHOR INVESTIMENTO!

- CURSOS DE INGLÊS PARA CRIANÇAS, JOVENS E ADULTOS
- PROFESSORES INGLESES QUALIFICADOS
- EXAMES DA UNIVERSIDADE DE CAMBRIDGE (FCE, CAE)
- CURSOS PARA O SETOR EMPRESARIAL
- CURSOS DE ALEMÃO (professora nativa)

**JULHO
INSCRIÇÕES
GRÁTIS**

VENHA CONHECER-NOS: Rua S. João de Deus, Ed. dos Correios, nº 116 - 4º Direito. • Segunda a Sexta, das 14 às 21 horas
Tel.Fax: 252 374 233 Tlm. 926 449 681/8 | E-mail: centroinglesfam@gmail.com / [facebook.com / http://fameli.pt](https://www.facebook.com/fameli.pt)

RECONHECIDO PELO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

»»»»»

Teve algum assunto ou notícia que o tenha marcado de forma mais especial?

A notícia que mais gostei de escrever teve como protagonista o então presidente da Câmara Agostinho Fernandes. Um dia, à hora do jantar, ele entrou na Tasca do Aires Soleta, que existia onde agora está a Farmácia Gavião, acompanhado por um rapaz ainda pequeno, abandonado, que estava com fome. Pediu um prego com ovo a cavalo para o rapaz e providenciou dinheiro para que um táxi levasse o miúdo a casa, na zona de Vermoim. Por mera coincidência assisti a tudo. Achei aquela história deliciosa, pois corporizava a ideia de solidariedade pelas crianças que o presidente da Câmara defendia publicamente.

Em termos de condições tecnológicas, como era fazer o jornal OP?

A tecnologia estava num processo de transformação. Já havia computadores, mas ainda não existia o envio eletrónico do jornal para a gráfica. Era preciso ir pessoalmente à gráfica com o jornal em folhas A4 para que na gráfica fotografassem essas folhas e as transformassem em fotolitos para a impressão. Há 25 anos não havia Internet, não havia telemóveis, e as instituições ainda não produziam a sua informação, como hoje produzem. As únicas notas de imprensa que chegavam ao jornal, não por e-mail como hoje, mas por fax, eram enviadas pela assessoria das câmaras municipais.

Além da questão da informatização, quais eram as maiores dificuldades?

O OPINIÃO PÚBLICA foi dos primeiros projetos de comunicação em Portugal, ou talvez o primeiro, em que uma redação comum produzia informação para uma rádio e para um jornal. Introduzir novos sistemas de trabalho em função disso foi um processo moroso e difícil, pela necessidade de vários ajustamentos entre as pessoas.

Quais eram também as coisas mais positivas?

A liberdade que existia para fazer jornalismo era algo de muito precioso tanto no OP como na Rádio Vila Nova, que depois passou a ser Rádio Digital, designação que mantém até hoje. Destaco ainda a seriedade da administração, que procurava pagar sempre a tempo e horas, nunca tendo fugido aos seus compromissos.

Qual foi o seu melhor momento no OP? E o pior?

Os melhores momentos aconteceram todas as semanas, porque, mesmo com defeitos próprios de quem estava em fase de crescimento e maturação, a verdade é que sempre demos o nosso melhor. Em muito pouco tempo conseguimos criar uma marca de jornalismo de referência em Vila Nova de Famalicão. Fui diretor durante três anos e foram três anos extenuantes. Ao fim desse tempo estava cansado da responsabilidade de ser diretor e queria fazer jornalismo. Foi por isso que saí para o jornal "Público", que então era



considerado o melhor diário português.

Houve algum episódio que o tenha marcado?

Não é um episódio, mas a constatação de que as pessoas e os políticos dão imensa importância aos títulos. Tive vários processos em tribunal, a maioria deles por causa dos títulos e não do conteúdo das notícias. Tínhamos um bom advogado, o Dr. Gouveia Ferreira, e as queixas, geralmente, eram mal fundamentadas. A verdade é que nenhum processo contra o OP chegou a julgamento.

O OPINIÃO PÚBLICA assinala 25 anos. Como vê hoje o jornal?

O OP de hoje não tem a vocação regional do meu tempo. É um projeto

local, eminentemente, informativo, e cumpre muito bem esse papel. Penso que o jornal deve ser abordado em conjunto com a Rádio Digital e a Fama TV. As redes sociais não têm sido aproveitadas e poderiam potenciar as três marcas de comunicação. Acho que o OP está muito bem ao nível da informação sobre a cidade e o concelho, mas precisa de uma ligação mais íntima com o público. Talvez isso pudesse ser resolvido com mais colunas de opinião sobre a cidade e os problemas do quotidiano. Eu sei que é difícil arranjar pessoas que escrevam sobre a cidade sem terem um interesse escondido. Uma alternativa é pedir aos jornalistas que assumam esse papel. No dia em que o OPINIÃO PÚBLICA tiver opinião sobre a cidade e

sobre o concelho, será lido com muito mais interesse por toda a gente.

Como vê hoje a comunicação social?

O jornalismo está em transformação. Cada vez há mais produtores e distribuidores de informação. No passado eram muito poucos a definir o que poderia ser notícia, enquanto hoje são muitos a dizer o que pode ser notícia. Isso fez descer o valor da informação. É por isso que ninguém compra jornais impressos. Por outro lado, como as empresas e as marcas de consumo podem comunicar diretamente com os seus clientes, deixaram de ter necessidade de gastar dinheiro em publicidade nos jornais. É por isso que os jornais têm perdido receitas. Neste contexto, em que temos um espaço público mediático cada vez mais pulverizado, uma tendência do futuro será, em minha opinião, a criação de jornais digitais como espaços informativos e de opinião independente que ajude as pessoas a compreender a realidade. Um jornalista, sozinho, ligado à Internet através de um telemóvel, pode tirar fotografias, fazer vídeos e escrever textos, emitindo a sua opinião e escrevendo o que achar melhor. Pode fazer um jornal que está permanentemente disponível. E em cidades como Porto, Lisboa, Coimbra, Braga, Famalicão, Guimarães e muitas outras no país, pode perfeitamente viver desse trabalho com um bom salário, caso tenha habilidade e conhecimentos para gerir a parte comercial do processo.

...A cuidar da sua saúde!



CliCastro
Clínica Médica®



- ↑ ANÁLISES CLÍNICAS
- ↑ FISIOTERAPIA
- ↑ MEDICINA TRADICIONAL CHINESA
- ↑ ENFERMAGEM
- ↑ ORTOPEDIA
- ↑ NUTRIÇÃO/DIETÉTICA
- ↑ ALERGOLOGIA
- ↑ GINECOLOGIA
- ↑ PEDIATRIA
- ↑ CARDIOLOGIA
- ↑ MEDICINA DENTÁRIA
- ↑ PSICOLOGIA
- ↑ MEDICINA GERAL E FAMILIAR
- ↑ UROLOGIA
- ↑ PODOLOGIA

Design by: ideiasbrindes.pt

Av. 25 de Abril, 968
Oliveira Santa Maria - VNF
TEL: 252 938 231 / 252 938 232
www.clicastro.com